

DESAFIOS E PROTAGONISMO: A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS NAS ARTES SEGUNDO SILVANA MENDES E CRISTIANE SOBRAL

CHALLENGES AND PROTAGONISM: THE REPRESENTATION OF BLACK WOMEN IN THE ARTS ACCORDING TO SILVANA MENDES AND CRISTIANE SOBRAL

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira*

RESUMO: A pesquisa tece reflexões sobre o papel das mulheres negras como agentes de representatividade nas artes e destaca os desafios para alcançar o protagonismo como artistas. O referencial teórico se ampara nos Estudos Culturais e discute os desafios e impactos da representatividade feminina na arte, especialmente de mulheres negras. Os procedimentos metodológicos adotados envolvem levantamento bibliográfico. O estudo promove uma abordagem analítica sobre a colagem de Silvana Mendes e a poesia de Cristiane Sobral.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Colagem. Confluência.

ABSTRACT: The research reflects on the role of black women as agents of representativeness in the arts and highlights the challenges of achieving protagonism as artists. The theoretical framework is based on Cultural Studies and discusses the challenges and impacts of female representation in art, especially of black women. The methodological procedures adopted involve a bibliographical survey. The study takes an analytical approach to Silvana Mendes' collage and Cristiane Sobral's poetry.

KEYWORDS: Poetry. Collage. Confluence.

* Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro. Atua no PPGL Letras Unicentro e Unioeste. Pós-doutora em Ciência da Literatura e Doutora em Letras. E-mail: nincia@unicentro.br.

INTRODUÇÃO

“Por entre as linhas incautas da leitura ideia insidiosa se insinua, como se sugerisse um outro texto mais vivo, extremo, e verdadeiro.”

(Paulo Henriques Britto)

As pesquisas no campo dos Estudos Literários têm buscado promover uma interação crítica e epistemológica entre a Literatura e diversas disciplinas do conhecimento humano. Esse fenômeno já é o cerne da Literatura Comparada, que há muito tempo abandonou uma abordagem simplista de contraposição entre diferentes literaturas para adotar uma abordagem crítica que visa conectar a Literatura aos Estudos Culturais. De acordo com Pereira, “as múltiplas formas de expressão e linguagens na era pós-moderna passam por processos diversos de hibridação.” (2018, p.10). Portanto, analisar o papel da arte na sociedade de consumo e, principalmente, as inter-relações entre a literatura e outras formas de expressão torna-se uma missão necessária.

O diálogo entre literatura e outras áreas, para Teixeira (2018), sempre despertou a atenção dos estudiosos dessas linguagens, convocando-os a investigar as bases teóricas em que essas relações se estabelecem ou a examinar, mediante exercícios interpretativos de diversos tipos de textos que se atualizam nas manifestações artísticas.

Nos Estudos Culturais, a literatura estabelece um diálogo constante com outras disciplinas, permitindo a coexistência de diversos conceitos teórico-metodológicos na análise das obras literárias. Essa abordagem amplia a visão para além da mera ordem textual. Assim, a literatura transcende suas fronteiras tradicionais e assume funções de objeto teórico, revelando os efeitos desconstrutores das relações interculturais. Essas discussões também abrangem temas como o popular, a memória cultural e a construção da história.

Portanto, ao analisar sob a perspectiva dos Estudos Culturais, as obras de arte não possuem significados fixos e determinados. Ao contrário, é precisamente no caráter polissêmico da obra que reside seu valor. O significado de uma obra representa uma série de interpretações. A arte, como diz Ernest Fischer (1987), jamais se limitaria a mera descrição da realidade social. Ao contrário, é função do artista interpretar essa realidade através de sua visão do mundo e de manifestar suas concepções políticas e ideológicas.

Nos estudos literários contemporâneos, observa-se que os valores universais estão intrinsecamente ligados aos eixos étnicos, sociais, regionais, sexuais e outros. Essa relação complexa e interdependente influencia profundamente a produção e a interpretação das obras literárias. A partir desta consciência, as lutas pela busca da afirmação das identidades de grupos, até então considerados minoritários, constituíram-se pela pesquisa e recuperação de objetos de cultura julgados inferiores pela tradição ocidental e seus padrões centrados - tido como “objetivos” - de apreciação. Tal fato levou a crítica, de uma forma geral, a deixar de

lado critérios de análises estritamente literários e pensar a literatura inserida no plano mais amplo da cultura. Edward W. Said (1995) afirma que a autonomia das obras de arte acarreta uma espécie de separação, impondo uma limitação indesejável, a qual não é de forma alguma colocada pelas próprias obras.

Investigar a partir dos pressupostos da Literatura Comparada implica em contribuir para o entendimento do “Outro” (Carvalho, 1997, p. 8). De acordo com Sandra Nitrini (1997), a prática da comparação está profundamente enraizada na estrutura do pensamento humano e na organização cultural. A Literatura Comparada não realiza comparações apenas por realizar o processo em si, mas sim porque a comparação permite uma exploração apropriada dos domínios de estudo literário e a consecução dos objetivos estabelecidos por ele. Dessa forma, a literatura comparada garante sua participação nos mecanismos de integração cultural.

Os Estudos Culturais promoveram mudanças nos enfoques e conceitos, até então, entendidos como exclusivamente literários. De acordo com Bordini (2006), o debate envolvendo os estudos literários e os culturais, o questionamento do cânone literário tem sido um dos principais indicadores dessas mudanças. Na sociedade atual, exige-se o reconhecimento dos direitos das várias culturas à existência autônoma, sem predominâncias ou assimilações que destruam suas especificidades, e se postula uma convivência fraterna entre as diferenças sociais, com respeito mútuo – e essa é a sua melhor faceta, pois significa uma recusa à homogeneização. Nesse intento, surgiu o que tem sido denominado, a partir da Escola de Birmingham, de *Cultural Studies*, convocando-se interdisciplinarmente aportes de outras ciências, como a filosofia, a psicologia e psicanálise, a sociologia, a antropologia e a semiótica para lançar luz sobre como determinados traços da vida social, dentro de uma cultura específica, aparecem na obra literária, a partir das características poéticas que os manifestam.

SILVANA MENDES: DA GENERALIZAÇÃO À SINGULARIDADE

“As fotomontagens e as colagens surgem nessa necessidade de comunicar uma ideia que já não cabia só na fotografia, porque sentia que já não era o suficiente ou o bastante e ia para outros suportes como o vídeo ou a colagem.”

(Silvana Mendes)

Na série *Afetocolagens: reconstruindo Narrativas Visuais de Negros na Fotografia Colonial*, a artista Silvana Mendes desconstrói estereótipos e ressignifica a representação visual de negros presentes em fotografias coloniais. Por meio de um olhar crítico e sensível, a artista propõe uma reflexão sobre as narrativas historicamente construídas e a forma como a população negra foi retratada no passado. A série busca uma revisão dessas imagens, trazendo à tona aspectos, muitas vezes, invisibilizados e gerando um debate sobre a importância da representatividade e da memória na construção da identidade negra.

Silvana Mendes nasceu em São Luís, no Maranhão, em 1991. É artista visual, graduanda em Artes pela Universidade Federal do Maranhão, e desenvolve um trabalho que investiga o cotidiano e a subjetividade do comum. Usa como suporte artístico a colagem digital, o lambe e a fotografia afetiva. Com esta última, busca a desconstrução de visualidades negativas e estereótipos imposto em corpos negros, tentando ressignificar símbolos e visualidades através da fotografia, colagem digital e o uso de dispositivos móveis para produção fotográfica e audiovisual, no intuito de fomentar a democratização destes meios.

Usa o muralismo e a técnica do lambe-lambe, uma forma de intervenção artística urbana feita através do papel e cola muito usada na cidade, em que um desenho é colado em postes, muros, portas e viadutos transmitindo geralmente uma mensagem e transformando o contexto urbano do local. Essas intervenções são utilizadas como suporte de disseminação no que a autora acredita¹ funcionar como didática artística descolonizadora e trazendo as experiências artísticas também para licenciatura, na tentativa de transformar desde a base ocupando espaços como facilitadora de oficinas e palestras com suportes e veículos de produção artística, escrita poética e o vídeo.

Seu interesse por imagens vem desde a infância; nas palavras da artista:

[...] sou criança que foi criada nos anos 90 e peguei essas transições de tecnologias em relação à produção de imagem e, por mais que eu fosse de uma família que não tinha condições de ter câmeras fotográficas, eu sempre fui muito ligada às imagens, gostava muito de assistir filmes, desenhos e vasculhar os álbuns de família por horas (Projeto Afro, 2023).

A série *Afetocolagens: reconstruindo narrativas visuais de negros na fotografia colonial* foca em questões de identidade, memória e resistência por meio de releituras de imagens históricas, utilizando a técnica da colagem, ocorre a ressignificação da imagem dos negros, inserindo uma nova camada de significado ao criar um diálogo entre o passado, evoca a ancestralidade africana e a resiliência cultural, promovendo, dessa forma, uma reflexão sobre como a história dos negros foi moldada por lentes coloniais e como essas narrativas podem ser reescritas de maneira mais justa e inclusiva.

De acordo com Silvana, sua arte funciona como instrumento de debate acerca de questões que desconstroem visualidades negativas em corpos negros. A arte, portanto:

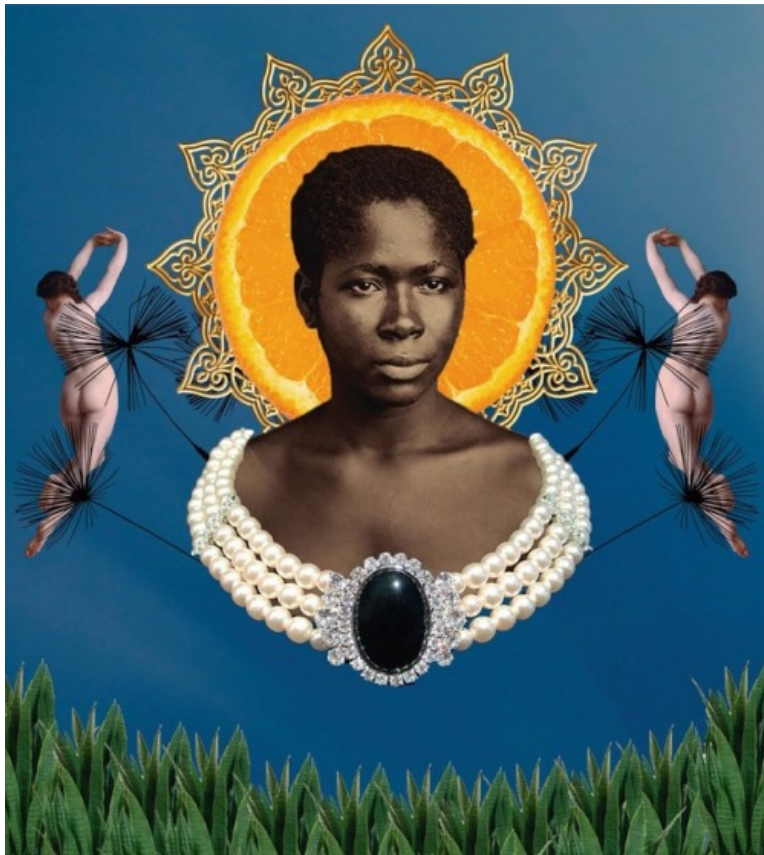
deve surgir com esse propósito de fazer os questionamentos surgirem, pelo menos para mim é impossível estar no universo e sistema artístico e não apontar para esse debate. Independente do suporte que o artista use, eu acredito que devemos apontar as consequências das representações que a fotografia cria a partir do olhar branco sobre o

¹ Entrevista de Silvana Mendes. Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/entrevista/conversa-com-artista-silvana-mendes/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

negro, precisamos debater e entender os usos da fotografia enquanto documento e o papel das representações nela encontrada que há séculos vêm construindo o nosso imaginário (Projeto Afro, 2023).

Cada peça da série *Afetocolagens* instaura um diálogo com a História do Brasil Colonial, por meio da crítica social, a autora explora arquivos fotográficos do período colonial incorporando elementos contemporâneos e simbólicos, questiona os contextos em que essas imagens foram produzidas e aponta diversas formas de violência a que o povo negro vem sendo submetido ao longo dos últimos séculos no Brasil. Além disso, Mendes questiona o espaço do acervo no qual as obras podem ser acessadas por um grupo seletivo. Ao fazer lambes e colocá-los no espaço público permite um maior acesso e conhecimento de todos da imagem.

Figura 1: Nossa Senhora Compadecida (2019), Silvana Mendes

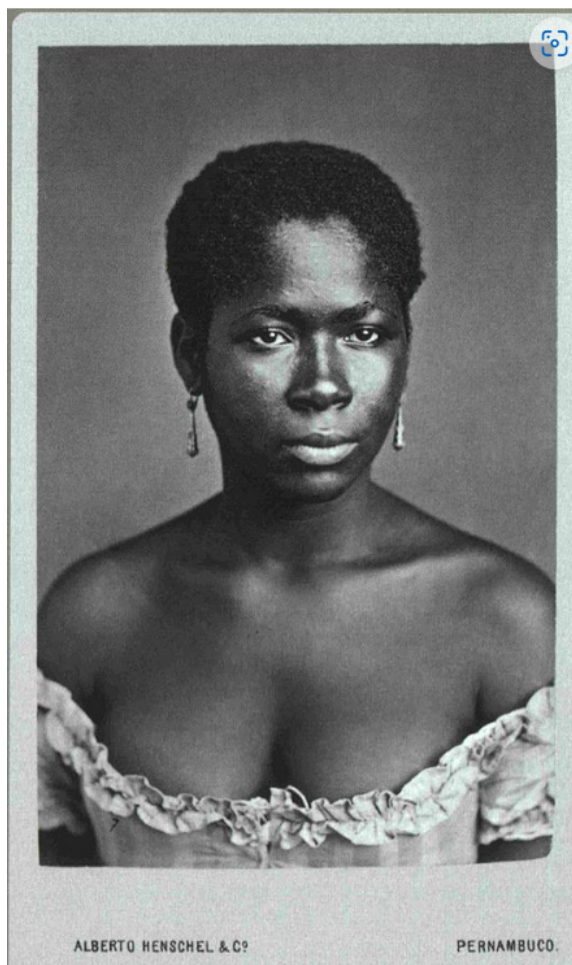


Fonte: Disponível em: <https://www.premiopipa.com/silvana-mendes/>

A artista trabalha com fotomontagens a partir de imagens encontradas na Brasileira Fotográfica. A imagem que dá origem a obra *Nossa Senhora Compadecida* (2019) é do fotógrafo Alberto Henschel e era apenas identificada como *Negra de Pernambuco*. Em sua obra, ela apaga

o fundo das fotografias, deixando em evidência apenas o retratado. Após, recria contextos, inserindo elementos, porém não há um fechamento de possibilidades de interpretação. No caso da fotografia *Nossa Senhora Compadecida* (2019), pode ser lida como uma rainha africana ou uma santa católica. Os caminhos estão abertos para o público escrever suas próprias histórias a partir do que a artista lhes oferece (Baker, 2019).

Figura 2: Negra de Pernambuco – Alberto Henschel



Fonte: Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alberto_Henschel_Pernambuco_1.jpg

A partir da inserção de elementos, a imagem é ressignificada, e passa a ser santificada pelo nome dado a obra: *Nossa Senhora Compadecida*, celebrando a singularidade e a humanidade que muitas vezes são obscurecidas pela generalização. Nesta produção, o afeto se apresenta no cuidado perante à nova disposição de elementos nas imagens, estas passam recontar histórias e apresentar novos contextos a imaginários pré-estabelecidos, resgatando e/ou criando novos afetos. De acordo com Júlia Baker (2019), povos originários e povos

escravizados eram catalogados pelos seus exploradores, a fim de criar pequenas categorias para igualar traços físicos ou comportamentais. Mesmo após o período de invasões de territórios, os europeus continuaram a catalogar os tipos humanos.

Na fotografia, o halo é um pedaço de laranja, a fruta do Sol, o Astro Rei, que representa a vitalidade e a fertilidade. (Chevalier & Gheerbrandt, 1998, p.536). Essa auréola simboliza um reconhecimento da dignidade e da importância da pessoa que está sendo retratada, que passa ser sinônimo de resistência diante do apagamento de sua identidade no decorrer da História. Dessa maneira, mesmo que a artista não possa apagar vestígios da escravização, ela contribui no processo de criação de novos discursos, pela arte, ao dar à comunidade negra o protagonismo em uma terra que os violentou e ainda violenta.

O colar em volta do pescoço reforça a feminilidade e novamente a resistência, por ser de pérolas aponta-se para o fato de estas são criadas por reação a corpos estranhos, podemos assumir que a escolha deste ornamento, mais uma vez, não seria despropositada, pois a força e a resiliência da mulher negra surgem a partir de toda uma herança ancestral ligada ao sofrimento.

Ao reposicionar a fotografia para um outro cenário, Mendes desafia as representações históricas que muitas vezes desumanizavam ou marginalizavam as pessoas negras. Esta obra celebra a beleza, dignidade e resiliência da figura retratada. Essa imagem da série *Afetocolagens* revela-se, pois, como uma tessitura de elementos visuais e simbólicos que são reconfigurados e recriam outras narrativas históricas.

CRISTIANE SOBRAL: TRANSGRESSÃO E ARTE

“Sim, sou negra/negra do cabelo puro/agora vou cutucar seu preconceito/com meu triunvirato da diferença.” (Cristiane Sobral)

Cristiane Sobral é escritora, atriz e professora de teatro. Possui dois livros de poemas e dois de contos, sendo o mais famosos deles o livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos* (2023). Sua obra está pautada em seu engajamento político e social, seus textos transgridem as representações estereotipadas, privilegiando a beleza, a cultura e a intelectualidade das mulheres.

O racismo, a partir de uma perspectiva de gênero, de acordo com bell hooks (1995, p.468) “perpetua uma iconografia de representação da mulher negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros”. Cristiane Sobral retrata a mulher negra num papel de luta e resistência. Através dos textos em que a mulher negra assume seu lugar de fala e de pertencimento, ela poderá ser capaz de recuperar sua história e sua imagem.

De acordo com Sobral:

toda literatura é engajada. Inclusive a literatura brasileira, majoritariamente, tem sido engajada no sentido de invisibilizar ou estereotipar negros e negras. Por que a gente coloca a nossa literatura como literatura negra? Porque o conceito de uma literatura brasileira que se quer universal não nos contempla. Não abarca nossa existência, muito menos nossas especificidades. [...] Quando falamos de literatura negra, estamos falando de linguagem. É uma literatura que tem um processo intenso de construção de linguagem. São autores, como Conceição Evaristo e Mirian Alves, por exemplo, que têm refinamento e inteligência. O racismo é tão cruel que as pessoas olham para a mulher preta e logo pensam “ela não deve escrever bem”. Para tirar essas pessoas desse lugar é muito difícil. (que rolou na entrevista exclusiva que a escritora concedeu ao Conceito.etc).²

Para Leite (2021), as produções de Cristiane Sobral trazem, em seus tecidos textuais, uma reflexão pautada nas angústias e nos enfrentamentos diários da mulher negra atual. O objetivo é desconstruir os estereótipos naturalizados e romper com o silenciamento imposto pela sociedade, reivindicando, através das letras, não só o acesso à voz, mas também a ruptura com a visão deturpada da mulher negra. Sobre esse aspecto, a poesia de Cristiane Sobral aponta para a inquietação, que resulta em importantes e urgentes reflexões na contemporaneidade.

Sangue do meu sangue
Ela era a filha da mãe invisível
talvez neta de outra mãe
separada dos filhos na escravidão

Era a filha da mãe que nunca viu
da mulher da qual desconhecia o paradeiro
em cujas tetas nunca mamou
O seu sangue era traidor ou salva-vidas?

Ela, a a filha da mãe incógnita
Talvez assassinada pelo SUS
Quem sabe trucidada pela polícia
Ou morta pelo mundo do crime

Ela, suposta filha de algum amor infernal
Ou de um estupro horrendo
de uma mulher sem saída aliada a um homem irresponsável

² Entrevista a Jordan Jones. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Y5wjS3WjvgwXp3JpjpZgzqy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.

A filha sabe se lá de quem
 cuja mãe, sangue do seu sangue
 pode ter abandonado outros filhos também
 por maldade
 ou por caridade para que não desfrutassem de uma vida
 tão desprezível quanto a sua.

(Sobral, 2016)

No poema “Sangue do meu sangue”, Sobral aborda a complexidade das relações familiares e a herança de uma mãe desconhecida. A autora explora a incerteza da identidade e a ambiguidade do sangue que corre nas veias da protagonista. O eu-lírico encaminha uma série de perguntas e dilemas, que geram uma sensação de abandono e incerteza. Os versos de Sobral mergulham na complexidade das origens, da maternidade e da identidade deixando espaço para reflexões sobre o significado do sangue que nos conecta às nossas raízes.: “Ela era a filha da mãe invisível/ talvez neta de outra mãe/ separada dos filhos”. O poema desconstrói a visão essencialista e universalista de que a maternidade é uma experiência agradável e que toda mulher deseja ser mãe. Aponta, também, uma trajetória de vida na qual a desigualdade social e a causadora do abandono e invisibilidade.

Sobral, ao encenar o discurso da maternidade, mergulha nas contradições da maternidade negra e traz para cena temas como omissão e o abandono masculino, a discriminação, a solidão e a culpa. O eu-lírico recupera e desmonta a lógica do corpo da mulher negra, que segundo Silva (2018), eproduz o filho ausente (ou apagado/ subtraído/ assassinado) que vimos caracterizar a representação dessa mãe preta.

Retina Negra
 Sou preta fujona
 Recuso diariamente o espelho
 Que tenta me massacrar por dentro
 Que tenta me iludir com mentiras brancas
 Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz

Sou preta fujona
 Preparada para enfrentar o sistema
 Empino o black sem problema
 Invado a cena

Sou preta fujona
 Defendo um escurecimento necessário
 Tiro qualquer racista do armário
 Enfio o pé na porta e entro

(Sobral, 2016)

No poema “Retina Negra”, a poeta expõe estruturas de poder que mantêm a subordinação das mulheres e apresenta a literatura como um espaço de reivindicação e reconstrução da identidade. A poesia de Sobral exemplifica como a arte é uma ferramenta de empoderamento, não apenas ao registrar subalternas, mas também desafiando ativamente as narrativas dominantes que perpetuam a opressão.

Em “Retina Negra”, a poeta, ao utilizar a metáfora da retina, explora a visão e a percepção da mulher negra em um mundo que frequentemente a marginaliza e invisibiliza. Assim, a retina, parte do olho que recebe e processa a luz, simboliza a capacidade de ver e entender a realidade de maneira única e profundamente pessoal. Esse olhar do eu-lírico carrega a história, a cultura e as experiências da mulher negra, mirando a realidade por meio de uma subjetividade construída por experiências de racismo e sexismo que enfrenta diariamente.

Simone de Beauvoir (1980), ao discutir as mulheres como “o outro” na sociedade patriarcal, oferece um contexto interpretativo para entender como o poema articula uma voz que se posiciona fora das normas estabelecidas pelo sujeito universal. A protagonista de “Retina Negra”, ao “empinar o black sem problema” e “invadir a cena”, não apenas reivindica seu espaço, mas desafia estereótipos que relegaram mulheres negras à periferia das narrativas. Essa resistência não é apenas um desafio individual, mas uma declaração política contra a invisibilidade e a marginalização de suas experiências. Essa ruptura transcende a esfera literária e se transforma em uma busca por direitos, reconhecimento e representação, perpetuando a categoria do “outro” como subalternidade.

À GUIZA DE CONCLUSÃO: POR ENTRE A SINGULARIDADE E A TRANSGRESSÃO

“Minha humanidade está ligada à sua, pois só podemos ser humanos juntos.”
(Desmond Tutu)

A arte traz consigo forma de expressar a si mesmo, o mundo ao redor e também uma forma de ir ao âmago de questões que, por vezes, são colocadas embaixo de muitos discursos hegemônicos e totalitários. O narrar sobre si mesmo é mais do que contar histórias, é um movimento de resistência, auxilia a refletir sobre a circulação de inúmeros discursos e representações culturais, trazendo à baila inúmeras vozes que foram silenciadas por aqueles que ocupam o centro.

Para fomentar essa arte que rompa com paradigmas e posturas consolidadas numa sociedade, é essencial que as mulheres negras ocupem o lugar de intelectual, que, segundo bell hooks, “é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito” (1995, p. 466). Para a autora, a reflexão e o posicionamento intelectual de mulheres negras, inspiram outras mulheres negras, e este fato, tira essa mulher de uma posição de inferioridade, obscuridade e

abnegação, na qual ela foi colocada pela sociedade racista e machista. É justamente por isso que as obras de Silvana Mendes e Cristiane Sobral são tão significativa, pois buscam nitidamente inspirar as mulheres a se conhecerem (ou se reconhecerem), se aceitarem e se posicionarem diante desse mundo de preconceitos e racismo.

Silvana Mendes e Cristiane Sobral retratam a vida das mulheres negras em suas diversas dimensões dando-lhes visibilidade e por meio da arte fundam um canal de fala. Isso porque a invisibilidade e o silenciamento da população negra perpetuaram-se, resultado de um histórico de escravização e violência. O silenciamento imposto às mulheres, em especial as negras, configura-se como uma estratégia de eliminação.

As mulheres negras são expostas a situações que geram silenciamento. Suas narrativas silenciadas e desacreditadas de diversas formas. bell hooks discute sobre o quanto a intelectualidade de mulheres negras é deslegitimada e sobre a necessidade de estudar essas mulheres para que essa lógica seja quebrada. Daí, a importância de artistas como Mendes e Sobral que se colocam contrárias as representações patriarcais, em que, na maioria das vezes, a mulher negra é objetificada, em suas produções.

Cristiane Sobral subverte os discursos hegemônicos, por meio de uma linguagem, nas palavras de Leite

ácida e provocativa, conduzindo o leitor à revisitação do passado e instigando-o à percepção de contextos socioculturais que transgridem os versos por ela delineados. Ao fazê-lo, a poeta privilegia o ponto de vista feminino negro, conferindo visibilidade à sua palavra, corpo e prazer, que outrora foram negligenciados. [...] escritora rasura e recompõe imagens e discursos, rompendo com os estereótipos, problematizando a sexualidade negra e descortinando perspectivas outras que perpassam os discursos canônicos. Trata-se de um processo que fomenta o debate acerca das concepções literárias tradicionais, possibilitando a reescrita da história a partir da perspectiva do excluído (Leite, 2021, p.110).

Na série *Afetocolagens: reconstruindo Narrativas Visuais de Negros na Fotografia Colonial*, Silvana Mendes promove uma intervenção significativa no campo da memória histórica e da representação visual. Com sua abordagem sensível e inovadora, Mendes oferece um testemunho artístico que resgata a dignidade e a individualidade dos negros nas fotografias coloniais, ao mesmo tempo em que desafia o público a refletir sobre as complexas dinâmicas de poder e representação que continuam a influenciar nossas percepções do passado e do presente.

A convergência entre as duas artistas se dá na forma como ambas utilizam a arte para dar visibilidade às histórias e experiências da população negra. Enquanto Silvana Mendes reconstrói narrativas visuais através de suas colagens, Cristiane Sobral utiliza a palavra escrita

e falada para questionar e reimaginar a realidade. Juntas, elas criam um diálogo artístico que não só celebra a identidade negra, mas também desafia o público a refletir sobre questões de raça, memória e resistência.

Essa união de forças artísticas demonstra como a arte pode ser um instrumento poderoso de mudança social e cultural. Silvana Mendes e Cristiane Sobral, cada uma com sua linguagem única, contribuem para a construção de um futuro onde as vozes negras são ouvidas, respeitadas e celebradas.

REFERÊNCIAS

BAKER, Júlia. **Nossa Senhora Comparecida (2019), Silvana Mendes**. Na Pupila. Disponível em: <https://napupila.com.br/2022/01/03/nossa-senhora-comparecida-2019-silvana-mendes/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Vol. 2. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1980.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 3, p. 11-22, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco (org.). **Literatura comparada no mundo: questões e métodos**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v.3, nº 2, p. 464 – 478, 1995.

LEITE, Karen de Oliveira. **Cristiane Sobral: uma voz de resistência na poesia contemporânea**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2022.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo, EDUSP. 1997.

PEREIRA, Joana Sofia. **Os novos artistas e o mercado de arte em Lisboa**. Tese de doutoramento. Escola de Sociologia e Políticas Públicas. Departamento de História. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/17356/1/master_joana_saraiva_pereira.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

PROJETO AFRO. **Conversa com artista:** Silvana Mendes. Entrevista concedida a Projeto Afro. 2023. Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/entrevista/conversa-com-artista-silvana-mendes/>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SOBRAL, Cristiane. **Paradoxos da Linguagem**. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/2016/06/paradoxos-de-linguagem.html>. Acesso em: 6 abr. 2024.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Aproximações entre poesia e Ilustração: Manoel de Barros e Brunna Mancuso e a natureza caleidoscópica. **Garrafa**. Vol. 17, n. 47, Janeiro-Março 2019.

Recebido para publicação em: 27 ago. 2024.

Aceito para publicação em: 6 mar. 2025.